

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## COMO ERAM COBERTAS AS CASAS REDONDAS DA CITÂNIA?.

AZEVEDO, António

Ano: 1945 | Número: 55

---

### Como citar este documento:

AZEVEDO, António, Como eram cobertas as casas redondas da Citânia?. *Revista de Guimarães*, 55 (3-4) Jul.-Dez. 1945, p. 172-182.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)

URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## Como eram cobertas as casas redondas da Citânia?

As casas redondas, ou sejam as casas de planta circular, cujos vestígios abundam na Citânia de Briteiros, parece que não mereceram até hoje uma grande atenção dos arqueólogos, sem dúvida alguma por falta de elementos que os habilitassem, com segurança, a pronunciar-se sobre a sua possível reconstituição. Apenas Martins Sarmento tentou essa reconstituição sobre duas bases originais.

Mário Cardoso, a quem recorro para obter algumas destas informações, visto confiar na sua vasta erudição e não na minha, que não é nenhuma, no seu livro «Citânia e Sabroso», diz que a «pronunciada inclinação das paredes para o lado interior deixa admitir a hipótese de uma cobertura cônica de pedra, ou fecho em falsa cúpula». Diz também que «M. Sarmento era contrário a esta hipótese» e que «preferiu conjugar, nas suas reconstituições êstes dois processos — cômulo e beirada de telha» (fig. 1).

Se bem interpreto as palavras de M. Cardoso, *inclinação das paredes e cobertura cônica, ou fecho em falsa cúpula*, vejo uma casa formada, primeiro, por um cone de vértice mais aberto, hipótese que seria muito aceitável se realmente houvesse *inclinação* das paredes, mas o que se verifica é uma *curvatura*, bem pronunciada em muitas casas; e uma delas, já exumada por Sarmento, apresenta, numa altura de 1,<sup>m</sup>30, uma curvatura perfeita e tão marcada que não deixa dúvida alguma de que a sua forma devia ser de cúpula. Este pano de parede está tão bem conservado e assente na rocha viva que nos dá tôdas as garantias de estar tal qual foi construído. Ocorre perguntar como passou êste caso despercebido.

Acho extraordinário que M. Sarmiento, com tantos exemplos à sua roda, tenha preferido nas suas reconstruções a forma cilíndrica com cobertura cônica!

E' natural que nem tôdas as casas redondas fossem sempre em forma de cúpula, porque temos de admitir que no espaço de 1200 anos, pelo menos, que medeia entre a tão falada invasão dos celtas, no século VI a. de Cristo, e a invasão dos bárbaros no século VI da era cristã, as gerações de construtores



*Fig. 1.*

tenham feito notáveis progressos técnicos, progressos que me causaram espanto quando, ao ver surgir de sob os entulhos acumulados a última casa posta a descoberto na primavera de 1945, verifiquei de maneira irrefutável, que a sua forma era de cúpula, porque as suas aduelas eram já talhadas com as duas curvas (fig. 2) — a da planta e a da cúpula! Por aí se vê que os canteiros da Citânia eram peritos na construção de abóbodas e que talvez outros da mesma época não possam confrontar-se com êles. Por isso pode afirmar-se com segurança que as casas redondas, se não

sempre, muitos séculos antes do ocaso da Citânia, eram já em forma de cúpula (fig. 3).

O arqueólogo alemão von Richthofen num trabalho publicado na «Homenagem a Martins Sarmento» («Zur Bearbeitung der Vorgeschichtlichen und neueren kleinen Rundbauten des Pyrenäenhalbinsel») trata de casas redondas prehistóricas e modernas, existentes na

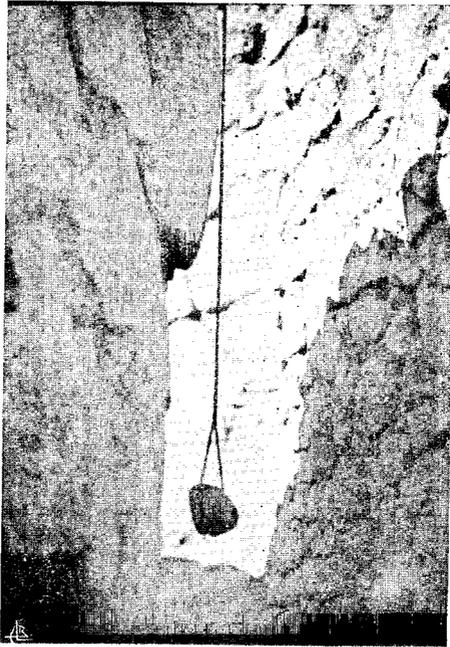


Fig. 2.

Península Ibérica, e publica algumas gravuras destas últimas por onde se pode ver a sua imperfeição construtiva comparadas com as da Citânia.

Se M. Sarmento ao fazer as suas reconstituições sobre duas bases originais, que apresentam já bem nítida a nasença da curva, as tivesse feito sobre algumas das poucas bases em que a curva se não nota, eu não estranharia o facto, porque poderia partir do princípio de que êle admitiu as duas hipóteses, uma

de casas mais primitivas, por que optou, e outra de casas mais recentes e de forma diferente. Assim não descortino a idéia de Sarmiento, e o facto torna-se-me cada vez mais estranho porque a sua argúcia e o seu



*Fig. 3.*

poder de observação eram tão notáveis que difficilmente se lhe encontrará rival. O facto de aparecer cravada no centro do piso de quasi tôdas as casas redondas uma pedra pequena de forma pirâmide truncada e que se supõe ser a base de assentamento duma estaca que suportaria o tecto de côlmo, ou de outro

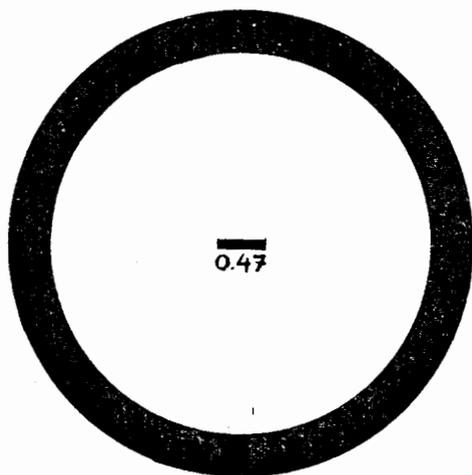
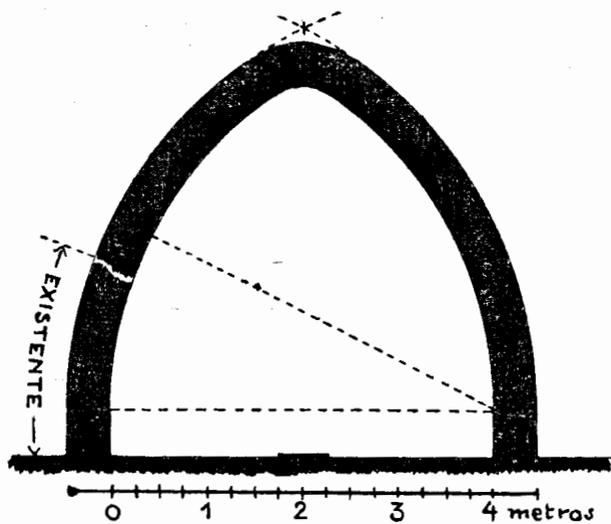


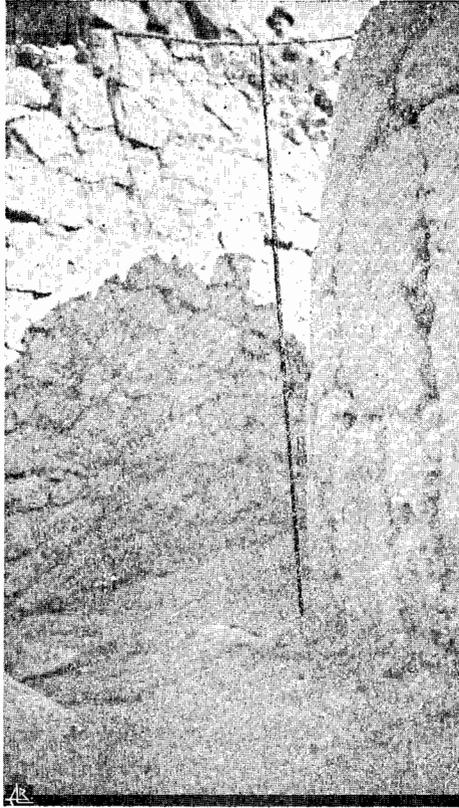
Fig. 4.

qualquer material, não me parece razão suficiente para a reconstituição cilíndrica, já porque não conheço nenhuma dessas pedras com o necessário furo ou ninho (M. Cardoso diz que as há) para que a estaca não pudesse deslocar-se e cair ao mais leve encontrão ou à mais inadvertida pancada a que estaria sujeita sem essa precaução rudimentar. Mas se algumas há com essa cava — por que não existe em tôdas?... Não creio que seja essa a função da tal pedra e tanto assim que, na casa recentemente descoberta, aparece, no mesmo lugar, uma pedra de forma e dimensões tão diferentes que nenhuma analogia apresenta que a possa identificar com as outras. É uma pedra comprida e estreita de 0,<sup>m</sup>47 x 0,<sup>m</sup>10, apenas saliente do chão uns cinco centímetros, sem o mais leve indício que possa denunciar a sua utilidade (fig. 4). Para quê tal pedra? Para tudo que a imaginação mais fértil possa conceber, menos para suporte ou base de escora.

Esta casa a que me refiro agora, bem entendido, não é uma casa completa, mas dá-nos um pano de parede de dois metros, altura que ainda se não encontrou até hoje, e em que, nitidamente, se acentua a curva dum arco cujo raio é o diâmetro interior da casa, tendo o seu ponto de nascença a 50 ou 60 centímetros acima do nível do chão, (fig. 4), motivo por que a curvatura só se começa a distinguir a partir de um metro para cima, e nenhuma das casas descobertas anteriormente nos dá essa altura de parede. As casas redondas eram, portanto, pelo menos, muitos séculos antes do fim da Citânia, de cúpula (fig. 5). Poderá ainda objectar-se que a cúpula poderia ser truncada a certa altura e suportar então um pequeno tecto. Não é de desprezar tal hipótese, mas pouco admissível, porque para a boa segurança da abóbada a sua conclusão e o seu fecho tornavam-se necessários. Nem parece que se recorresse à abóboda incompleta quando com as paredes verticais, de construção mais fácil e mais rápida, se obteria o mesmo resultado. A abóboda excluía por completo a idéia do tecto de côlmo no todo ou em parte. Além disso, o facto dos construtores talharem as aduelas com as duas curvaturas, revela já um tal aperfeiçoamento nos métodos de construção que nenhuma dificuldade se lhes apresen-

tava que os impedisse de fazer uma abóboda completa (fig. 6).

E' de presumir que o fecho da cúpula não fôsse em ângulo, mas arredondado; é de supôr também



*Fig. 5.*

que a parede fosse diminuindo de espessura a partir do ponto em que as pedras exteriores começavam a cair fora do prumo da base de assentamento e que, daí para cima, fôsse formada por uma única espessura de pedra e sem a espécie de fôrro que tôdas as casas apresentam.

No Museu da Sociedade de Martins Sarmiento existe, com o n.º 108, uma porta de casa redonda da Cidade de Ancora, cuja padieira é original, bem como uma das ombreiras, sendo a outra reconstituída



*Fig. 6.*

em cimento. É uma porta sumptuosa, decorada com um motivo encastrado, geométrico, encaixilhado por uma corda que, correndo ao longo das ombreiras e da padieira, limita o motivo ornamental. Na ombreira reconstituída é evidente a idéia da verticalidade da casa cilíndrica, pois não foi notada a curvatura bem

nítida na ombreira original, bem como no curto espaço da altura da padieira e, assim, a ombreira de cimento está perfeitamente vertical.

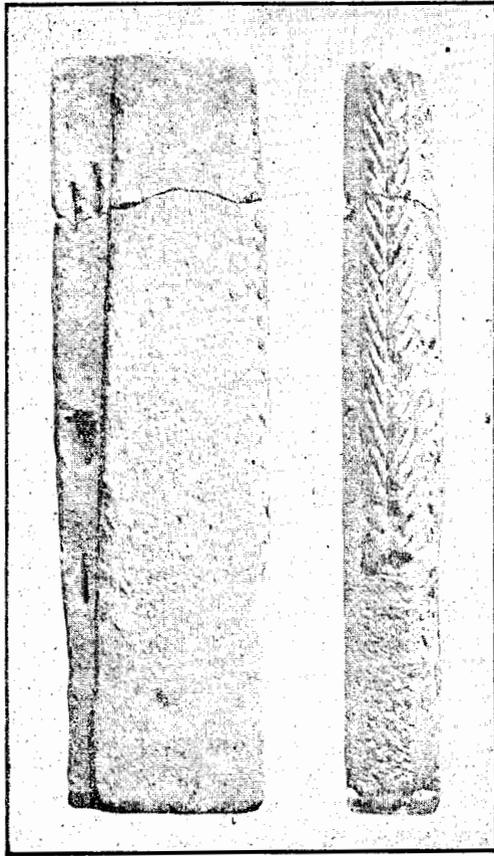
Também M. Cardoso, no seu livro já citado, publica a páginas 27, uma gravura com «dois aspectos de uma ombreira, com rasgo inclinado» (fig. 7) e a páginas 39 diz que «por outro lado a existência de certos cortes, inclinados, praticados na face de algumas ombreiras, parece também querer demonstrar-nos que a porta, de madeira, seria talvez amovível, funcionando à maneira de um taipal, colocado pelo lado interior da habitação, não verticalmente, mas um pouco tombado para fora, para se manter pelo seu próprio peso numa posição estável».

Ora aqui está como, sem querer, M. Cardoso me ajuda a confirmar as minhas observações sôbre a cobertura das casas redondas da Citânia! A gravura publicada mostra duma maneira inequívoca e clara que a casa a que pertenceu era redonda e que o batente da porta não é inclinado mas vertical, visto que forma ângulo recto com a base de assentamento. O que deu lugar à confusão foi o facto de não ser notada a curvatura, bem visível, da linha exterior e interior da ombreira.

E já que falo de Mário Cardoso, quero aqui fazer jus ao trabalho incansável que tem dedicado a estas «bizantinices» arqueológicas e que me leva a classificá-lo de último *carola*.

Pelos tempos que egoisticamente vão correndo, não vejo quem queira e possa vir tomar, como êle, o fio da meada que Sarmento com tanto ardor, tanto talento e tanto carinho começou a deslindar. Acredito que haja hoje talentos capazes de continuarem a obra iniciada por Sarmento, mas não acredito que haja talentos capazes de sacrificarem uma vida inteira a um trabalho de devoção e de desinteresse. Parece não querer compreender-se hoje que a árvore que deu os frutos maravilhosos da nossa Renascença tem as suas raízes mais profundas nos castros e citânias do Norte de Portugal e que precisa de ser tratada e olhada com carinho, para se manter sempre viçosa pelos séculos fora. E' no fundo misterioso dos nossos povoados castrejos que se há-de encontrar o fundo do nosso

nacionalismo universalista e humano, com os lígures, os celtas, os iberos e os romanos, sem preconceitos de sangue ou de raça.



*Fig. 7.*

Ao deixar arquivadas na «Revista de Guimarães» estas modestas observações, eu não tenho de forma alguma a pretensão de fazer arqueologia, mas tão somente fazer como o modesto operário que nas escavações encontra algum objecto e, honestamente, o vem

entregar, para que os espíritos esclarecidos pelo estudo e pela soma de conhecimentos acumulados possam continuar no seu labor incessante de desvendar os mistérios da remota vida do Homem. Se algumas considerações faço, é mais para dar satisfação ao meu espírito *dilletante* destas coisas ligadas à História da Arte que para esclarecer pontos escuros.

O desenho que fiz, com as respectivas cotas, da última casa redonda a que me refiro acima, fica na Sociedade de Martins Sarmiento à disposição de quem o queira observar.

ANTÓNIO DE AZEVEDO.